

Trimestral 3T/2016

Têxtil e Vestuário no Contexto Nacional e Internacional



cenit.

Ficha técnica

TÍTULO

Têxtil e Vestuário no Contexto Nacional e Internacional

Publicação Trimestral – Julho a Setembro/2016

PROPRIEDADE

CENIT – Centro de Inteligência Têxtil

COORDENAÇÃO GERAL

Manuel Teixeira

DATA DE EDIÇÃO

Janeiro de 2017

Índice

05	1. Introdução
07	2. Conjuntura económica global
07	2.1. Atividade económica
11	2.2. Preços e taxas de câmbio
13	2.3. Taxas de juro e mercados financeiros
16	2.4. Mercado de trabalho e custos do trabalho
17	2.5. Perspetivas para o futuro próximo
19	3. Comércio internacional de têxteis e vestuário
23	4. Têxtil e vestuário em Portugal
23	4.1. Evolução da atividade económica
24	4.2. Relevância do comércio internacional
29	4.3. Estrutura do comércio internacional

1. Introdução

O presente documento tem como intuito apresentar, de forma condensada e pragmática, informação relevante sobre a indústria têxtil e de vestuário (ITV) em termos de dinâmica trimestral, almejando contribuir para a definição e afinação adequada de estratégias de crescimento e de internacionalização das empresas portuguesas.

Para tal, coligiu-se e sistematizou-se um conjunto de dados estatísticos oficiais sobre a ITV no contexto nacional e no contexto internacional, sem deixar de conferir um enquadramento mais amplo, relativo à economia em geral.

Para além deste ponto introdutório, enquadrado no âmbito do Capítulo 1, o corrente documento estrutura-se em torno de três capítulos adicionais.

O Capítulo 2 é dedicado à apresentação, sintética, da evolução da conjuntura económica portuguesa, procedendo-se, sempre que oportuno, à sua comparação com a realidade internacional.

Por sua vez, o Capítulo 3 é dedicado ao contexto internacional, centrando-se, para o efeito, em dados do comércio mundial, num primeiro passo relativo à globalidade das mercadorias e, de seguida, relativo aos produtos da ITV.

Por fim, o Capítulo 4 centra-se na ITV portuguesa e, mais concretamente, nos seus fluxos de comércio mundial, apresentando-se aqui um maior nível de detalhe da informação, relativamente aos dois capítulos anteriores,

quer do ponto de vista dos produtos que perfazem a ITV e do seu alinhamento com a especialização produtiva portuguesa, quer do ponto de vista dos indicadores analisados. Este último capítulo pretende, no fundo, constituir-se como uma base fiável e útil para a identificação de oportunidades para a internacionalização das empresas portuguesas da ITV.





















Atendendo à periodicidade trimestral desta publicação, a apresentação da informação segundo este horizonte temporal de análise encontra-se patente, sendo que, para assegurar a maior uniformidade possível na leitura dos dados e indicadores apresentados, procurou-se dar um claro enfoque ao 3.º trimestre de 2016.

De acordo com a natureza dos dados e indicadores selecionados, a análise é apresentada em termos homólogos e em cadeia.

As fontes de informação foram selecionadas com base na conjugação de dois critérios: grau de disponibilização de informação enquadrável com o horizonte temporal visado no estudo e credibilidade da informação fornecida. Nesse sentido, destaca-se o recurso a dados e indicadores provenientes das seguintes fontes: Banco de Portugal (BdP), Banco Central Europeu (BCE), Comissão Europeia (CE), Energy Information Administration (EIA), European Money Markets Institute (EMMI), Eurostat, Instituto Nacional de Estatística (INE), International Trade Centre (ITC) e Office of Textiles and Apparel (OTEXA).

Painel de bordo (3.º trimestre de 2016)

Variações homólogas

Produto Interno Bruto	Indicador de sentimento económico	Indicador de atividade económica
 1,6 %	 1,1 %	 1,4 %
Produção industrial	Volume de negócios da indústria	Índice de preços no consumidor
 0,5 %	 0,8 %	 1,4 %
Índice de preços no produtor	Preço do Brent (por barril)	EUR/USD
 3,0 %	 7,5 %	 0,9 %
EURIBOR a 3 meses	Yield das OT a 10 anos	Taxa juro em novas operações de crédito (< 1M€)
 0,27 p.p.	 0,91 p.p.	 0,65 p.p.
Taxa de desemprego	Custo do trabalho	Apreciação sobre a situação atual da economia
 1,4 p.p.	 5,1 %	 0,6 p.p.
Vendas nos próximos 3 meses	Exportações nos próximos 3 meses	Perspetivas sobre a evolução da economia
 1,3 p.p.	 1 p.p.	 6,3 p.p.
Exportações mundiais de mercadorias	Exportações mundiais de têxteis e vestuário	Exportações portuguesas de mercadorias
 2,6 %	 8,7 %	 1,8 %
Importações portuguesas de mercadorias	Exportações portuguesas de têxteis e vestuário	Importações portuguesas de têxteis e vestuário
 1,1 %	 7,0 %	 1,0 %

2. Conjuntura económica global

2.1. Atividade económica

A economia portuguesa interrompeu, em 2016, a trajetória de aceleração observada nos dois anos anteriores, exibindo, segundo as estimativas mais recentes do Banco de Portugal, um crescimento do PIB de 1,2% (vs 1,6% e 0,9% em 2015 e 2014). Em resultado, ter-se-á prolongado o diferencial negativo de crescimento face à UE, que já se faz sentir desde o início da década de 2000.

Em termos homólogos, no 3.º trimestre de 2016, destaca-se a quebra do investimento

O crescimento homólogo das exportações superou o crescimento das importações

O indicador de sentimento económico revelou uma contração, após uma ligeira recuperação no trimestre transato

O indicador de atividade económica prosseguiu a trajetória descendente dos últimos trimestres

O índice de volume de negócios dos serviços e do comércio revela-se em expansão desde o início do ano de 2016

O IPC no 3.º trimestre de 2016 acelerou cerca de 1% face ao período homólogo

		3T/2014	4T/2014	1T/2015	2T/2015	3T/2015	4T/2015	1T/2016	2T/2016	3T/2016
Consumo privado	Portugal	1,4	0,2	1,0	0,8	0,1	0,0	1,6	-0,1	0,4
	Zona Euro	0,4	0,6	0,5	0,5	0,4	0,4	0,7	0,2	0,3
Consumo público	Portugal	-0,3	0,1	0,4	1,0	-0,4	0,2	0,4	0,4	-0,6
	Zona Euro	0,3	0,2	0,4	0,4	0,4	0,6	0,6	0,4	0,5
Investimento	Portugal	3,0	-2,2	4,2	4,3	-3,2	0,6	-3,6	4,1	-3,4
	Zona Euro	-0,2	0,1	1,2	-0,8	1,8	2,2	-0,6	0,3	0,7
Exportações	Portugal	0,8	3,6	0,2	2,8	-1,0	1,7	0,0	1,2	2,4
	Zona Euro	1,7	1,5	2,7	1,1	0,3	0,8	0,2	1,2	0,1
Importações	Portugal	5,7	1,6	-3,0	5,9	-0,7	1,3	-5,5	3,8	2,0
	Zona Euro	2,4	2,7	1,4	2,1	1,2	1,6	-2,1	2,1	-0,1

Fonte: Eurostat

Sistematiza-se, de seguida, um conjunto de dados sobre a atividade económica nacional, destacando-se, sempre que possível, o 3.º trimestre de 2016.

No 3.º trimestre de 2016, o PIB português apresentou um crescimento de 1,6% face ao mesmo período de 2015, num ritmo superior ao verificado no 2.º trimestre.

Esta evolução ficou a dever-se, sobretudo, ao contributo da procura externa líquida, que passou de 0,1 p.p. para 0,7 p.p., entre o 2.º e 3.º trimestres de 2016. Já o contributo da procura interna aumentou apenas ligeiramente, passando de 0,8 p.p. para 0,9 p.p. entre os dois trimestres.

Na procura externa líquida, destaca-se o crescimento homólogo de 5,4% nas exportações, acima da progressão de 3,6% nas importações.

Na procura interna, realça-se a continuação da quebra no investimento, enquanto o consumo privado acelerou ligeiramente e o consumo público abrandou marginalmente.

A trajetória homóloga mais acentuada do investimento no 3.º trimestre por comparação com o 2.º trimestre deve-se, essencialmente, ao comportamento da variação das existências.

No tocante ao consumo privado, a sua aceleração decorreu do comportamento do consumo de bens não duradouros e serviços. Por sua vez, a

modesta desaceleração do consumo público entre os dois trimestres resulta da redução do número de horas trabalhadas na Administração Pública.

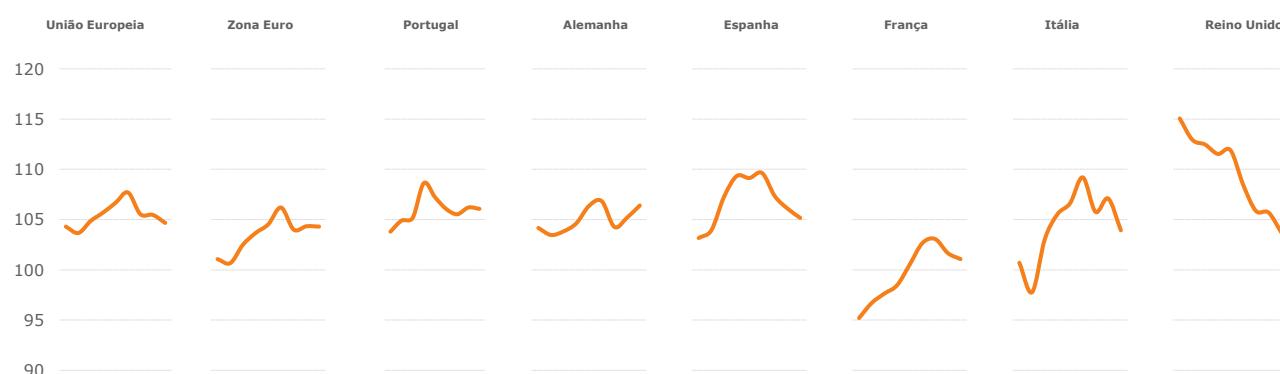
O indicador de sentimento económico da Comissão Europeia para Portugal subiu no 2.º trimestre de 2016, contrariando a tendência de queda registada a partir do período homólogo de 2015, que se seguiu após uma evolução positiva durante três trimestres consecutivos. No 3.º trimestre de 2016, o indicador exibiu uma redução, embora marginal.

Países como Alemanha, Espanha, França e Itália registaram uma evolução semelhante, com aumentos consecutivos desde o 4.º trimestre de 2014, seguidos de uma interrupção nos dois primeiros trimestres do ano de 2016. Importa

salientar que, apesar dessa quebra, a Alemanha recuperou imediatamente no trimestre seguinte, não tendo invertido essa tendência entretanto. Pelo contrário, Espanha e França têm visto o seu indicador de sentimento económico degradar-se desde então, assim como Itália (apesar da recuperação no 2.º trimestre de 2016, no trimestre seguinte o indicador exibiu uma quebra ainda maior do que anterior).

Por fim, o Reino Unido registou um andamento completamente distinto dos países mencionados anteriormente: o indicador de sentimento económico tem vindo a diminuir desde o 3.º trimestre de 2014, apresentando uma pequena melhoria somente no 3.º trimestre de 2015, retomando a tendência de queda logo no trimestre seguinte.

Evolução do indicador de sentimento económico: Portugal, Zona Euro, UE e principais economias europeias

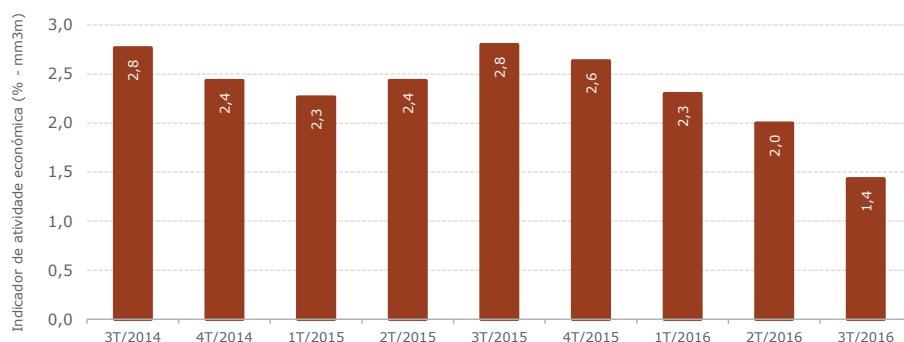


Fonte: Comissão Europeia

O indicador de atividade económica, que se encontrava relativamente estável desde o 4.º trimestre de 2014, apresentou uma evolução positiva de 0,4 pontos no 3.º trimestre de 2015 face ao trimestre anterior (cifrando-se, assim, nos

2,8 pontos). No entanto, no trimestre seguinte começou a degradar-se, tendo terminado o 3.º trimestre de 2016 nos 1,4 pontos, o que corresponde a uma contração de quase 50% face a igual período de 2015.

Evolução do indicador de atividade económica



Fonte: INE

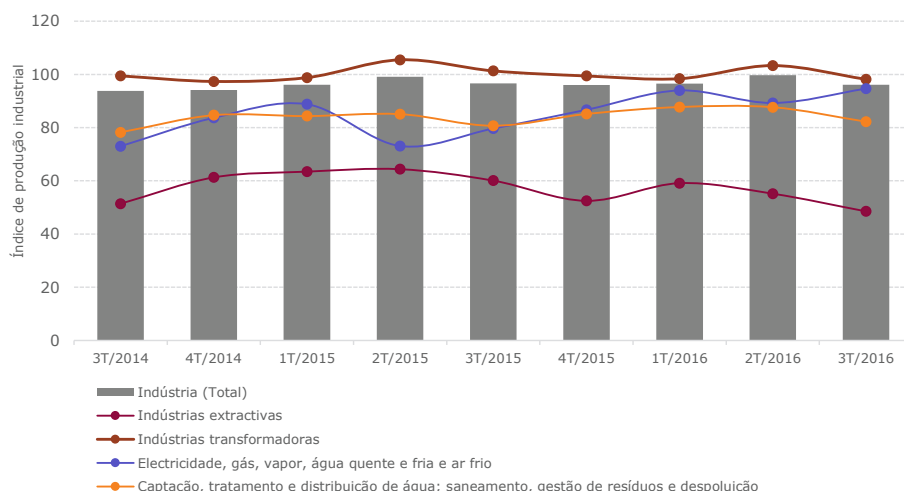
Após três trimestres em subida, o índice de produção industrial caiu no 3.º trimestre de 2016, registando uma variação homóloga de cerca de -0,5%.

Esta evolução foi apenas contrariada pela trajetória favorável do índice relativo à indústria da energia (eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio), que cresceu a uma taxa de 18,8% face ao período homólogo de 2015.

A quebra mais acentuada ocorreu nas indústrias extrativas, cujo índice desceu, em termos homólogos, 19,2%.

Com um recuo bem menos expressivo (-3,1% em termos homólogos) esteve o índice da indústria transformadora, cuja trajetória tem tido, grosso modo, no mesmo sentido do índice global da indústria.

Evolução do índice de produção industrial

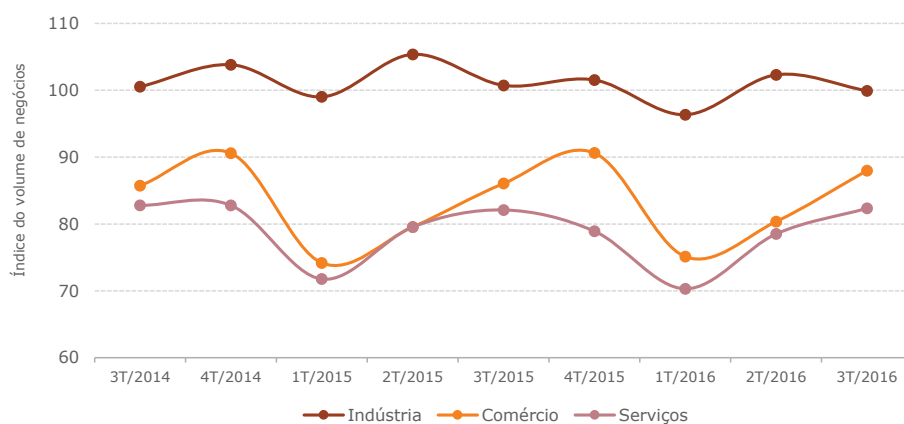


Fonte: INE

No tocante ao índice de volume de negócios, como se pode verificar pelo gráfico que se segue, revela uma tendência de evolução idêntica ao longo do período compreendido entre o 3.º trimestre de 2014 e o 2.º trimestre de 2015 entre os três grandes setores de atividade considerados (indústria, comércio e serviços), não obstante os valores superiores registados, sistematicamente, pela indústria.

Após esse período, o cenário alterou-se, primeiro, com a queda do índice por parte da indústria e, depois, dos serviços e do comércio. A partir do 1.º trimestre de 2016, registou-se uma nova recuperação no índice de volume de negócios, nomeadamente nos serviços e no comércio. No 3.º trimestre de 2016, o índice da indústria retraiu-se de novo, mas agora mais ligeiramente.

Evolução do índice do volume de negócios total por grandes setores de atividade



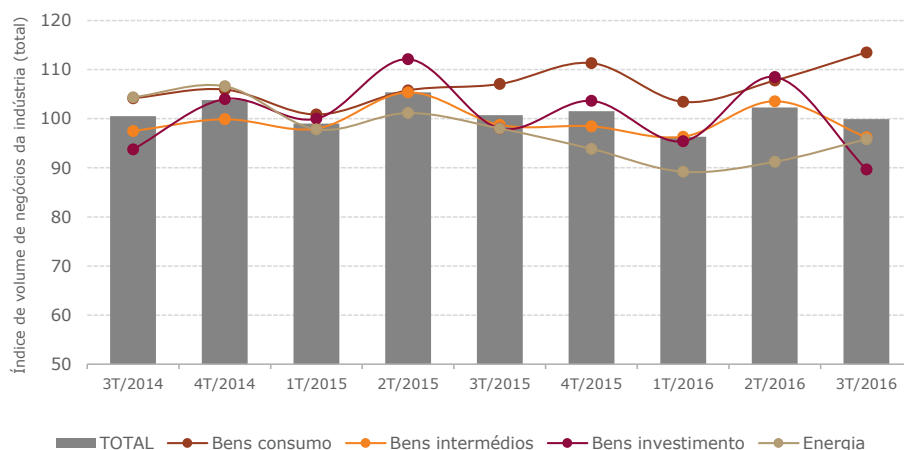
Fonte: INE

Em concreto, o índice de volume de negócios da indústria registou no 3.º trimestre de 2016 uma variação homóloga de -0,8%, maioritariamente impulsionado pelos bens de investimento (que registaram uma variação negativa de 8,5% face ao período homólogo). Por sua vez, os bens de consumo apresentaram um índice superior ao total da indústria ao longo de todo o período em análise, tendo a sua tendência de crescimento acompanhado a dos restantes tipos de bens em questão até ao 2.º trimestre de 2015. De facto, a partir deste trimestre, o índice de volume de negócios dos bens de consumo continuou

a crescer, ao contrário dos bens intermédios, de investimento ou energia. Por outro lado, a energia, que nos últimos dois trimestres de 2014 tinha registado índices de volume de negócios superiores aos do total da indústria, passou por uma fase de degradação dos mesmos, tendo apenas vindo a recuperar desde o início de 2016.

No 3.º trimestre de 2016, os bens de investimento registaram uma queda no seu índice de volume de negócios de cerca de 17% face ao trimestre anterior, enquanto os bens de consumo voltaram a crescer mais de 5%.

Evolução do índice do volume de negócios total da indústria, por agrupamentos industriais



Fonte: INE

2.2. Preços e taxas de câmbio

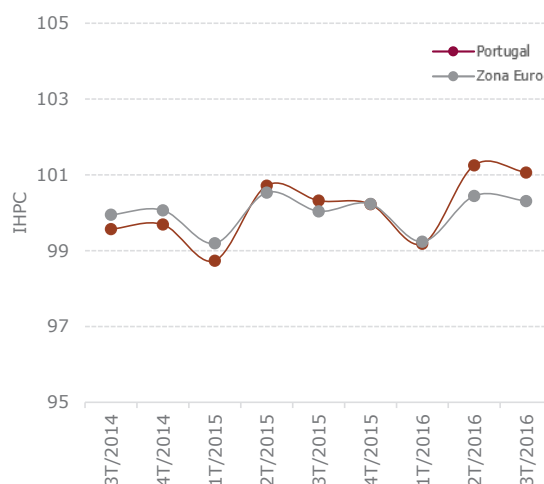
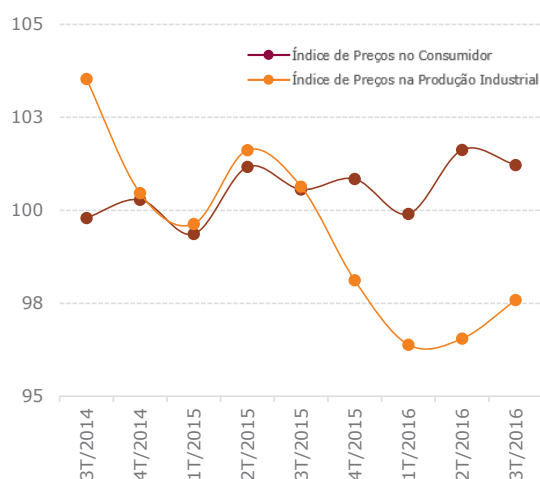
Em termos homólogos, a taxa de inflação, medida quer pelo IPC quer pelo IHPC, passou de 0,5% para 0,7% entre o 2.º e o 3.º trimestres de 2016. Na base deste ligeiro aumento estiveram os preços dos bens, que retomaram um valor positivo, mais do que compensando a quebra nos preços dos serviços.

Já o índice de preços na produção industrial continuou a cair, registando uma quebra homóloga de 3% no terceiro trimestre, ainda assim menos acentuada que no trimestre anterior (-5%). Para a evolução do índice de preços na produção industrial em muito contribuiu a queda verificada no caso do agrupamento relativo à energia.

De referir que, a partir do 3.º trimestre de 2015, a diferença entre o IPC e o índice de preços na produção industrial se ampliou, com este último a fixar-se sistematicamente bastante abaixo do primeiro, situação especialmente visível no 2.º trimestre de 2016. No 3.º trimestre do ano, esta diferença começou a esbater-se ligeiramente.

O diferencial de inflação em relação à zona euro manteve-se reduzido, tendo, passado de 0,62 p.p. para 0,47 p.p. entre o 2.º e 3.º trimestres de 2016.

Evolução do índice de preços no consumidor e na produção industrial para Portugal e índice harmonizado de preços no consumidor para Portugal e para a Zona Euro

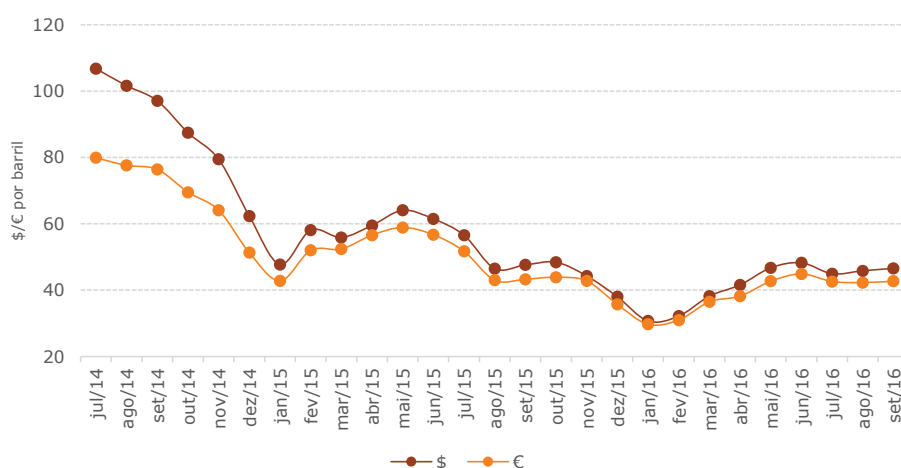


Fonte: INE e Eurostat

Ao longo do período considerado nesta análise, o preço do Brent alcançou um máximo de 106,8 dólares por barril em julho de 2014, momento a partir do qual se observou a sua queda contínua até janeiro de 2015. Durante o ano de 2015, o preço do Brent oscilou entre os 64,1 dólares, registados em maio, e os 38 dólares observados no final do ano, fechando-

se os doze meses com um preço médio de 52,4 dólares. Após uma quebra em janeiro de 2016, o preço do Brent subiu até junho, situando-se em 48,3 dólares, recuando no mês seguinte e subindo para 46,6 dólares em setembro, fruto de um novo adiamento na alteração esperada das taxas de juro diretoras por parte da FED nos Estados Unidos da América.

Evolução do preço do Brent



Fonte: EIA e BCE

No tocante a Câmbios, no 3.º trimestre de 2016, verificou-se um movimento de apreciação do euro face às moedas dos principais parceiros comerciais portugueses em produtos têxteis e de vestuário.

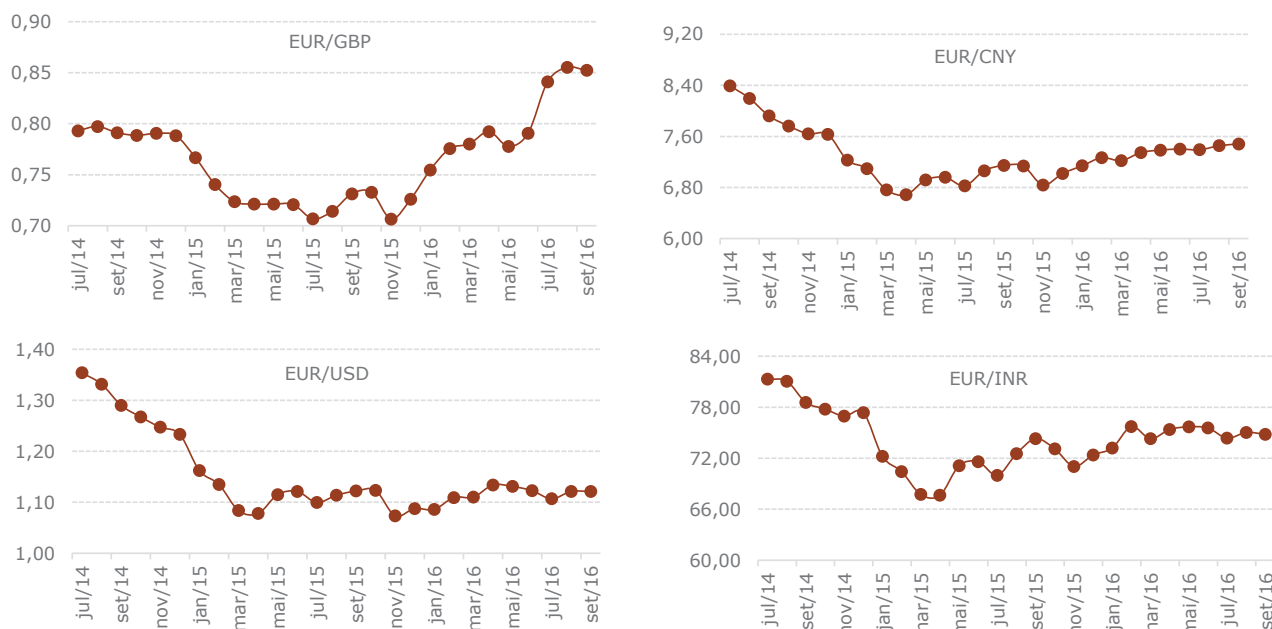
As alterações menos significativas fizeram-se sentir com o dólar (cotação mais relevante para aferir a competitividade-preço da economia portuguesa), tendo ocorrido uma variação homóloga de 0,4%, menos acentuada que os

2,2% de variação homóloga verificados no 2.º trimestre do ano.

Com a libra, a apreciação acentuou-se, passando-se de uma variação homóloga de 9,1% para 18,4% naqueles trimestres, na sequência do Brexit.

Com uma apreciação homóloga menor esteve o euro contra o yuan e a rupia.

Evolução da taxa de câmbio do euro com as principais moedas com quem Portugal tem relações comerciais no têxtil e vestuário



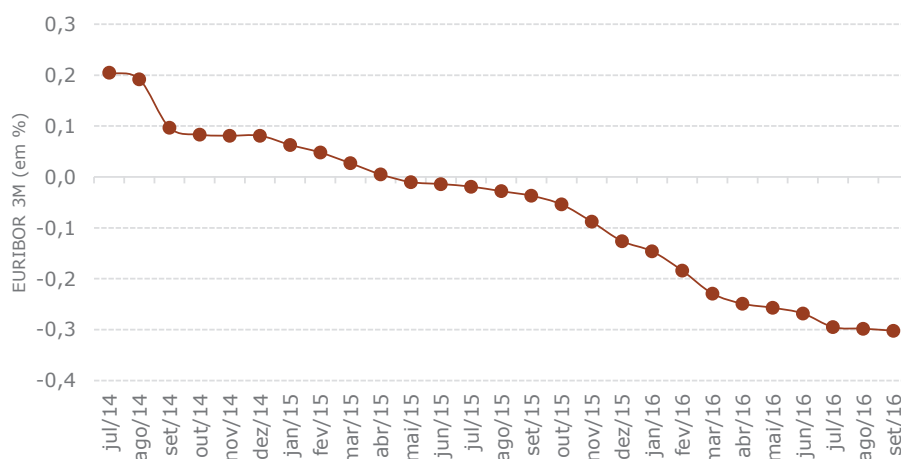
Fonte: EIA e BCE

2.3. Taxas de juro e mercados financeiros

A Euribor a 3 meses, com valores negativos desde maio de 2015, não tem sofrido alterações substantivas, mantendo a tendência de queda ligeira.

Com níveis atualmente negativos, a prazo, o cenário mais provável que se coloca é o cenário de subida dos spreads, na tentativa de travar a descida da Euribor.

Evolução da taxa Euribor a 3 meses



Fonte: EMMI

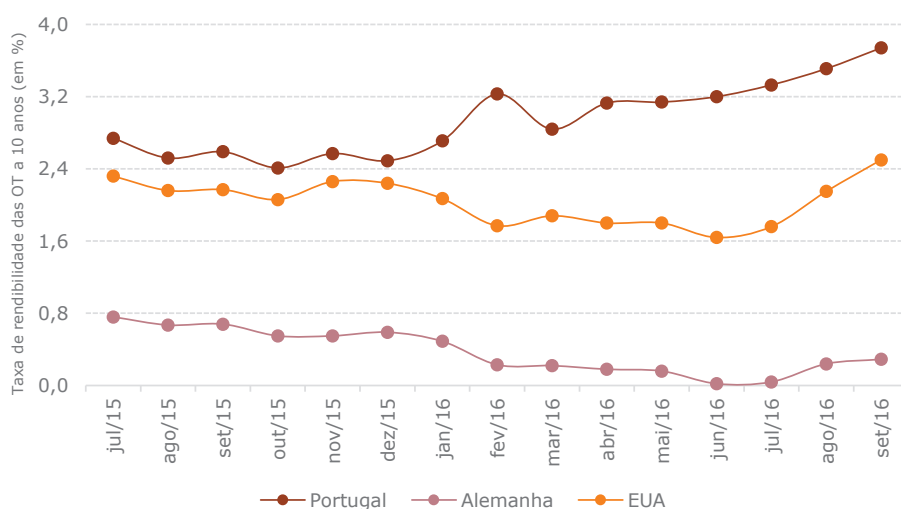
Em setembro de 2016, as yields das Obrigações do Tesouro português a 10 anos registaram um aumento de cerca de 45% face ao período homólogo, passando de 2,59% para 3,74%, o valor mais elevado que se registou no período analisado. As yields tinham já apresentado um pico em fevereiro de 2016, rondando os 3,23%, resultado da crise grega e da reação negativa dos investidores internacionais a uma decisão tomada em dezembro de 2015 pelo Banco de Portugal de transferir dívida sénior do Novo Banco para o BES “mau”, que esteve no início do ano em análise (Informação retirada do Expresso/Economia).

Por sua vez, as yields das OT alemãs registaram valores próximos de zero entre junho e julho de 2016, após um período de estabilização nos quatro meses precedentes. Contudo, as taxas superiores

a 0,2% voltaram a surgir nos meses seguintes. Este agravamento nas taxas de rentabilidade das obrigações soberanas com maturidade de 10 anos deve-se sobretudo às alterações das expectativas sobre a inflação.

Relativamente aos EUA, apesar de as yields terem apresentado um andamento semelhante ao de Portugal no último semestre de 2015, o início do ano de 2016 registou uma diminuição clara das taxas, atingindo um novo mínimo histórico em junho (1,64%). Esta queda pode ser amplamente justificada pela expectativa de aumento dos juros nos EUA, levada a cabo pelo presidente da Reserva Federal de Boston. Contudo, o que se verifica é que, nos últimos meses de análise, as yields voltaram a subir, fechando o mês de setembro com um valor aproximado de 2,5%.

Evolução da yield das OT a 10 anos

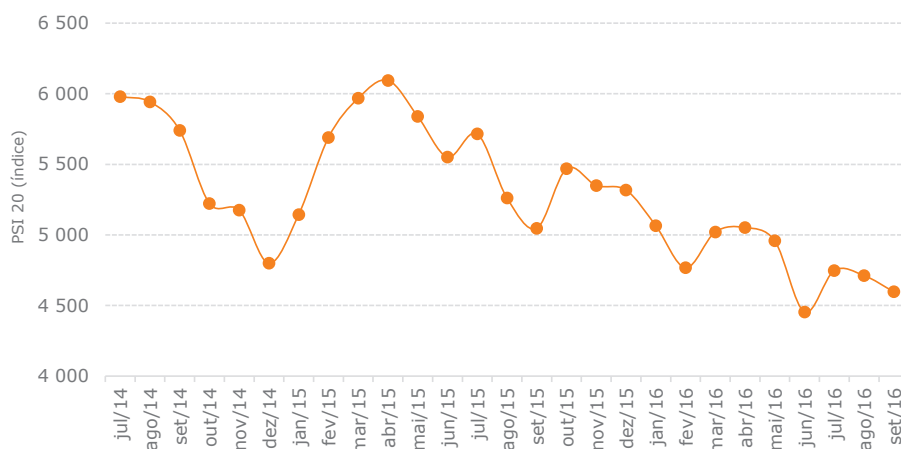


Fonte: Banco de Portugal

Depois de uma quebra pronunciada em junho (-10,2%), apenas parcialmente compensada pela subida verificada em julho, o PSI20 registou uma desvalorização de 2,4% em setembro de 2016, acumulando uma quebra de 13,3% desde o início do ano e de 13,8% em termos homólogos.

O recuo verificado até setembro contrasta com a recuperação que o índice bolsista tinha exibido no cômputo da parte inicial do ano de 2015, depois da forte quebra em 2014.

Evolução do mercado de capitais nacional (PSI)



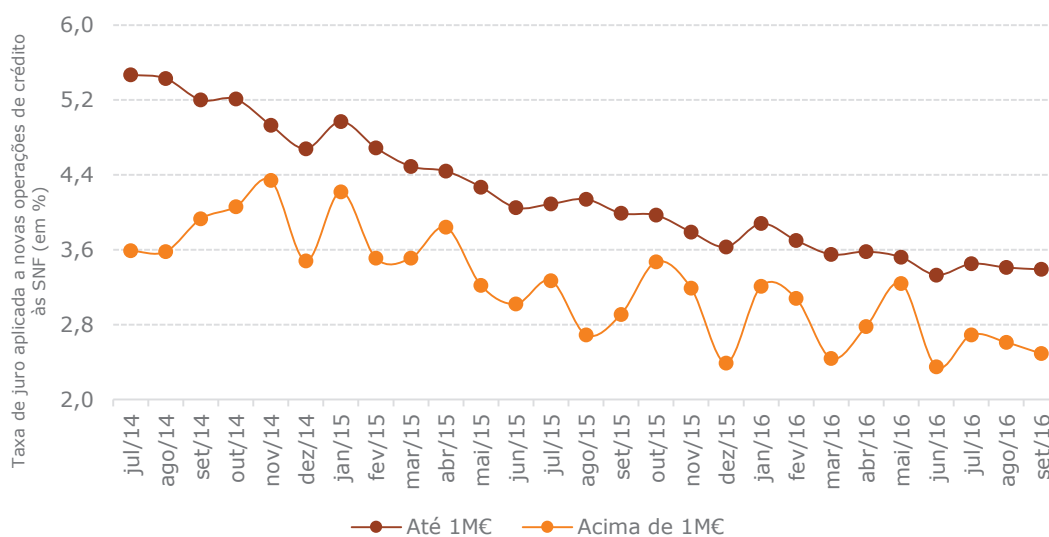
Nota: os dados do PSI20 referem-se ao fim do período.

Fonte: Banco de Portugal

Em setembro de 2016 a taxa de juro média dos novos empréstimos concedidos a sociedades não financeiras até 1 milhão de euros foi de 3,39%, o que corresponde a uma diminuição de cerca de 15% face ao período homólogo e de 0,05% em relação ao mês anterior.

Quanto aos empréstimos superiores a 1 milhão de euros, a sua tendência não foi tão linear, tendo registado vários picos e cavas ao longo da análise. Ainda assim, com referência a setembro de 2016, as taxas de juro destes empréstimos registaram uma variação homóloga de -14,4%.

Evolução das taxas de juro aplicadas a novas operações de crédito às SNF



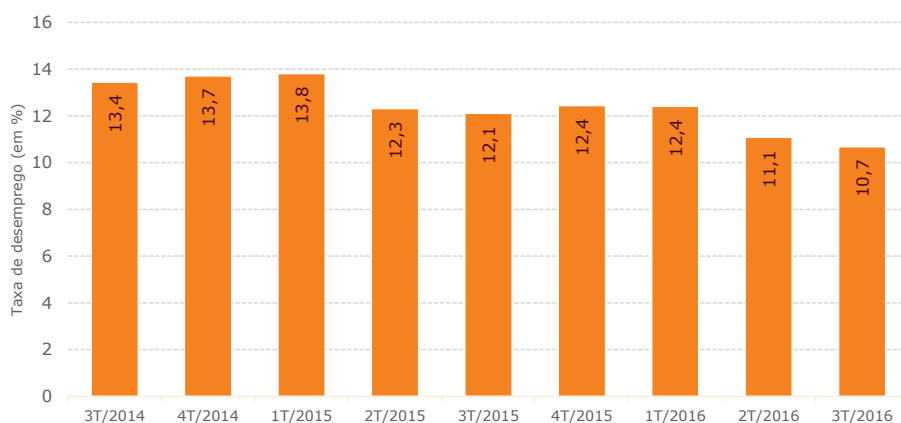
Fonte: Banco de Portugal

2.4. Mercado de trabalho e custos do trabalho

A taxa de desemprego em Portugal situou-se em 10,7% no 3.º trimestre de 2016, prosseguindo, assim, o movimento de descida já verificado no trimestre anterior. O resultado obtido revela também uma melhoria face ao período homólogo de 2015. Esta evolução reflete uma redução, em cadeia e em termos homólogos,

de cerca de -0,8% e de -12%, respetivamente, da população desempregada e um aumento da população empregada, o que corresponde a uma variação de 0,3% face ao trimestre transato e de 2% em relação ao período homólogo. Reflete, ainda, uma redução da taxa de desemprego de longa duração.

Evolução da taxa de desemprego em Portugal

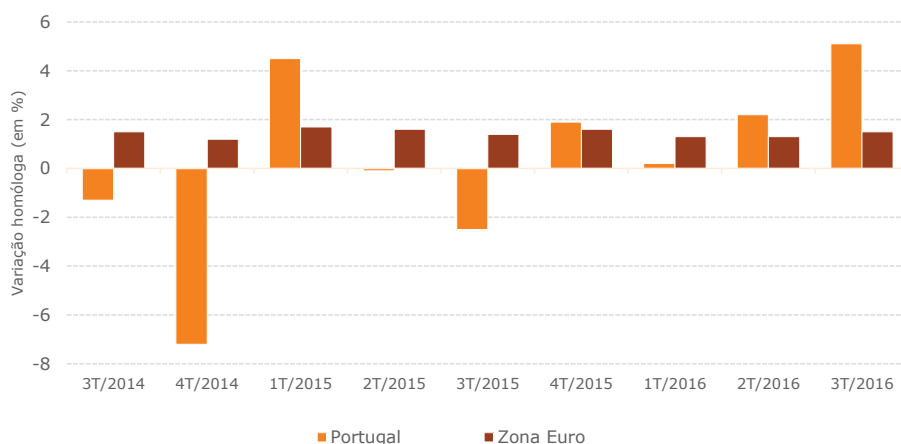


Fonte: INE

O índice do custo de trabalho em Portugal, no 3.º trimestre de 2016, registou uma variação homóloga de 5,1%, resultado do aumento de 5,5% nos custos salariais e de 4,1% nos outros custos. Assim, inverteu-se a tendência apresentada no período homólogo, em que a taxa registada se fixou nos -2,5%. Importa ainda referir que o índice de custo do trabalho

em Portugal revela valores superiores aos da zona euro no 3.º trimestre de cada ano analisado, mantendo-se a níveis inferiores nos restantes trimestres. Por sua vez, a zona euro apresentou taxas de variação homóloga bastante próximas entre si, acompanhando a tendência quase linear do seu índice de custo do trabalho.

Evolução do índice do custo do trabalho em Portugal e na Zona Euro



Fonte: Eurostat

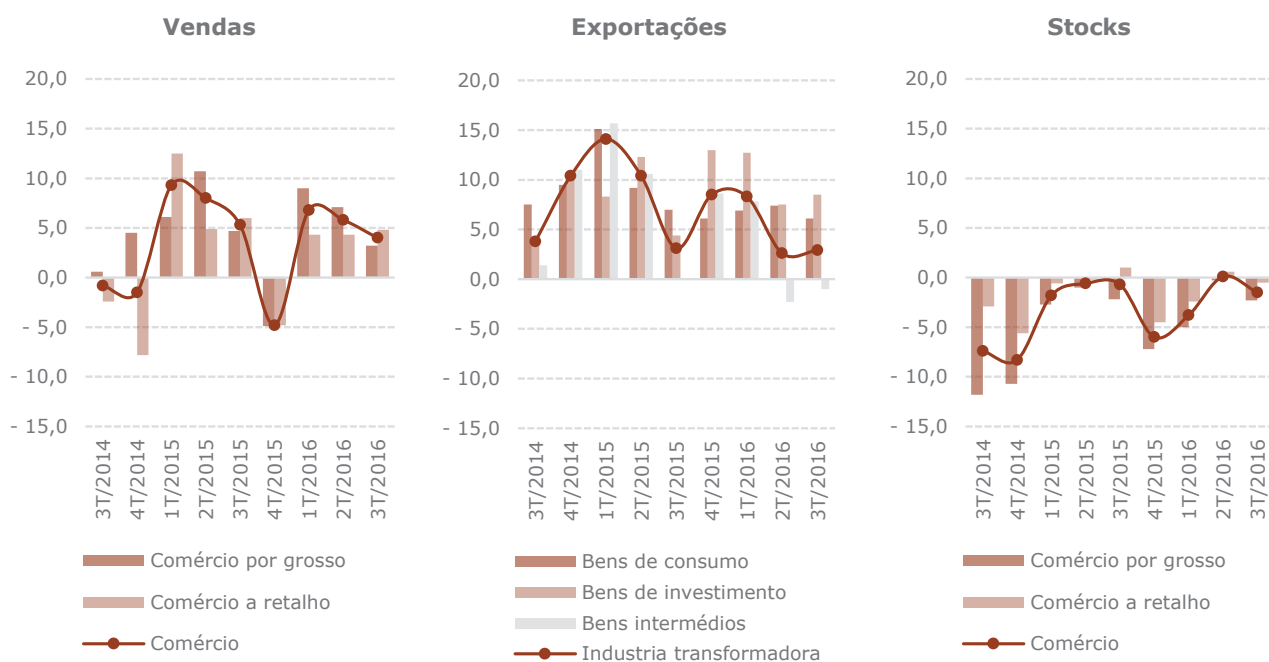
2.5. Perspetivas para o futuro próximo

As perspetivas avançadas pelos empresários face ao futuro próximo têm sido moderadamente favoráveis nas últimas inquirições do INE. No que respeita ao volume de vendas, nos três primeiros trimestres de 2016, as perspetivas revelaram-se positivas, embora cada vez com menor intensidade, especialmente no comércio por grosso. No caso das exportações, a confiança do tecido empresarial, embora em decréscimo, tem-se mantido, também, em terreno positivo, impulsionada sobretudo pelos bens de consumo e de investimento. Por seu

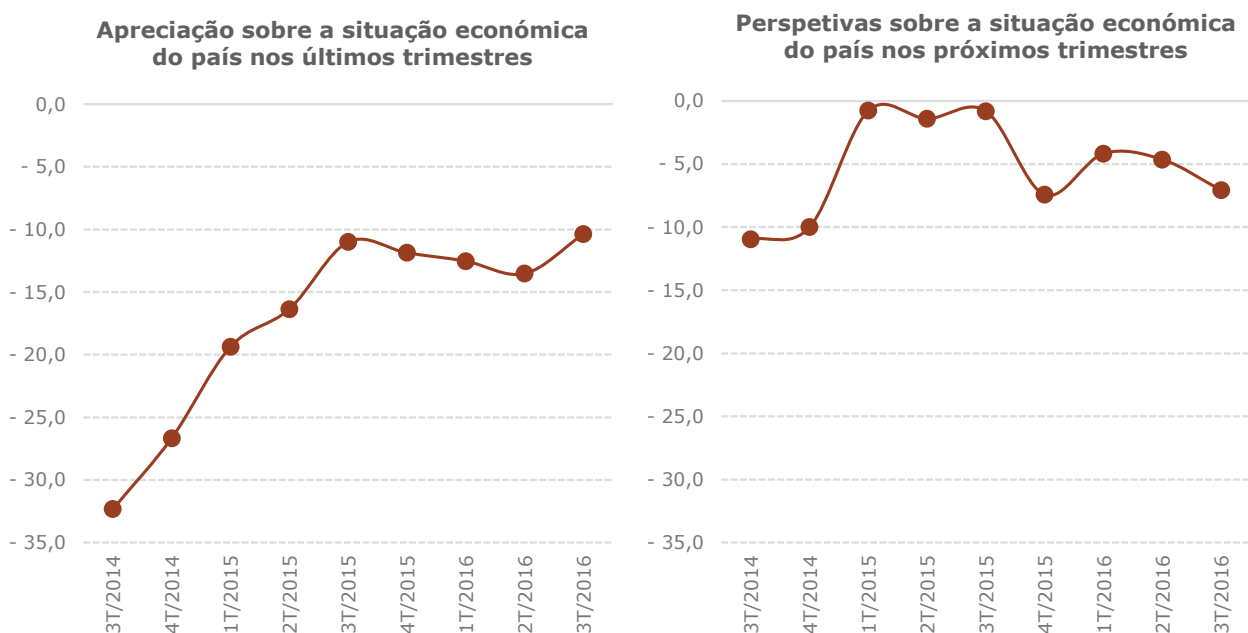
turno, as empresas perspetivam uma redução do nível de existências, principalmente no comércio por grosso.

No que concerne à evolução geral da economia, apesar da apreciação das entidades empresariais ter melhorado significativamente nos últimos trimestres (permanecendo negativa), as perspetivas sobre a situação económica geral têm-se deteriorado, antecipando-se, desta forma, um desempenho económico pouco positivo no futuro.

Perspetivas sobre o volume de vendas, exportações e stocks nos próximos trimestres



Avaliação da situação económica atual e futura do país

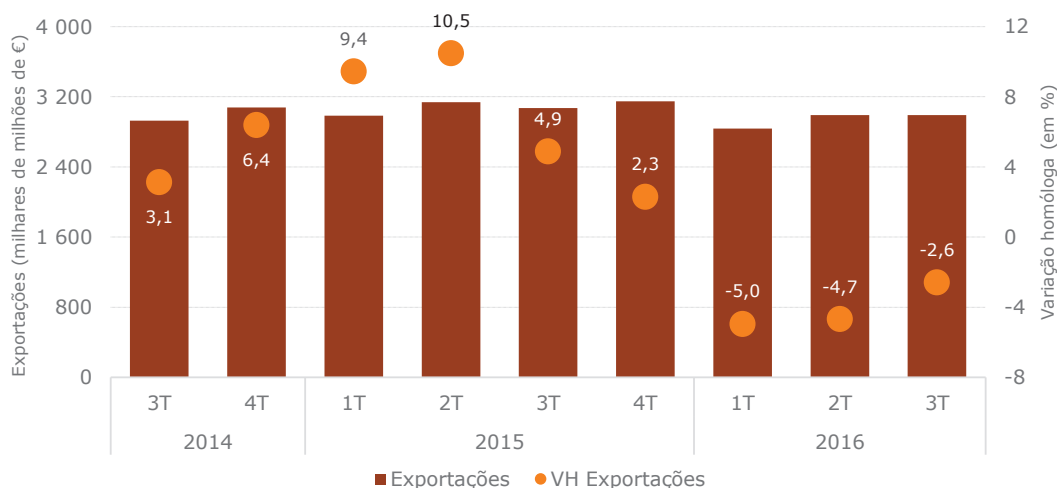


3. Comércio internacional de têxteis e vestuário

No 3.º trimestre de 2016, as exportações mundiais de mercadorias registaram uma variação negativa de 2,6% em relação ao período homólogo, mantendo uma tendência de contração das trocas internacionais, agora de forma menos intensa face aos dois primeiros trimestres do ano.

Assim sendo, tudo indica que o ano de 2016 termine com uma quebra do comércio internacional (em mais de 1%), algo que não acontecia desde 2009, na sequência dos fortes efeitos da crise económica e financeira de 2007/2008 iniciada no mercado do sub-prime norte americano.

Evolução do comércio mundial de mercadorias

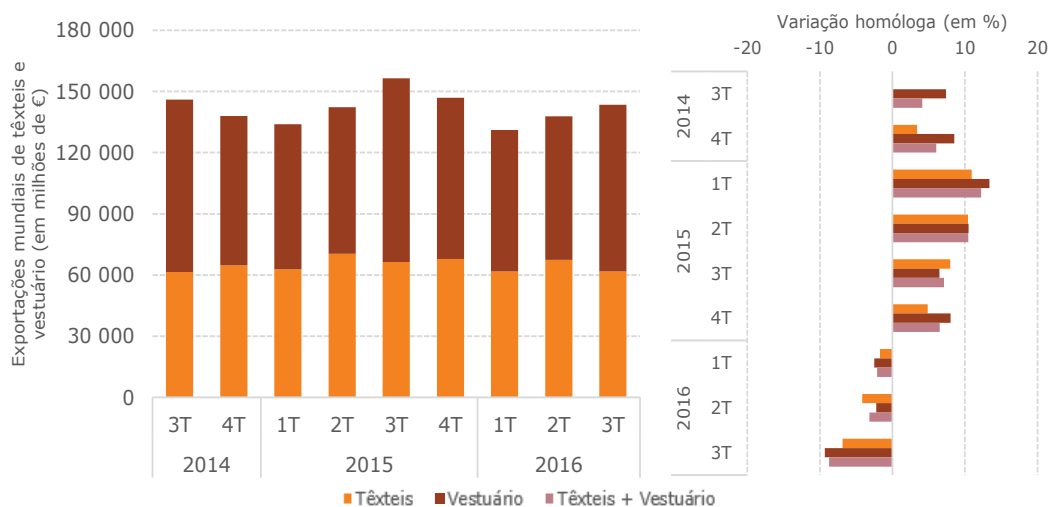


Fonte: ITC

No respeitante a têxteis e vestuário, de julho a setembro de 2016, as exportações mundiais aumentaram cerca de 143 mil milhões de euros, representando 4,8% do total das exportações de mercadorias. Contudo, em termos homólogos, as exportações mundiais de

têxteis e vestuário registaram uma variação negativa de 8,7%, tendo sido a categoria de vestuário a que mais influenciou este resultado (taxa homóloga de -9%), embora sem grande diferença em relação aos têxteis.

Evolução do comércio mundial de produtos de têxtil e vestuário



Nota: valores em milhões de €.

Fonte: ITC

Na UE, no 3.º trimestre de 2016, a Itália e a Alemanha foram os principais países exportadores de têxteis e vestuário, os quais, no seu conjunto, representaram cerca de 35% das exportações comunitárias. No entanto, se por um lado Itália registou uma variação homóloga positiva de 2,4%, a Alemanha apresentou um ligeiro recuo face ao mesmo período do ano anterior (-0,8%).

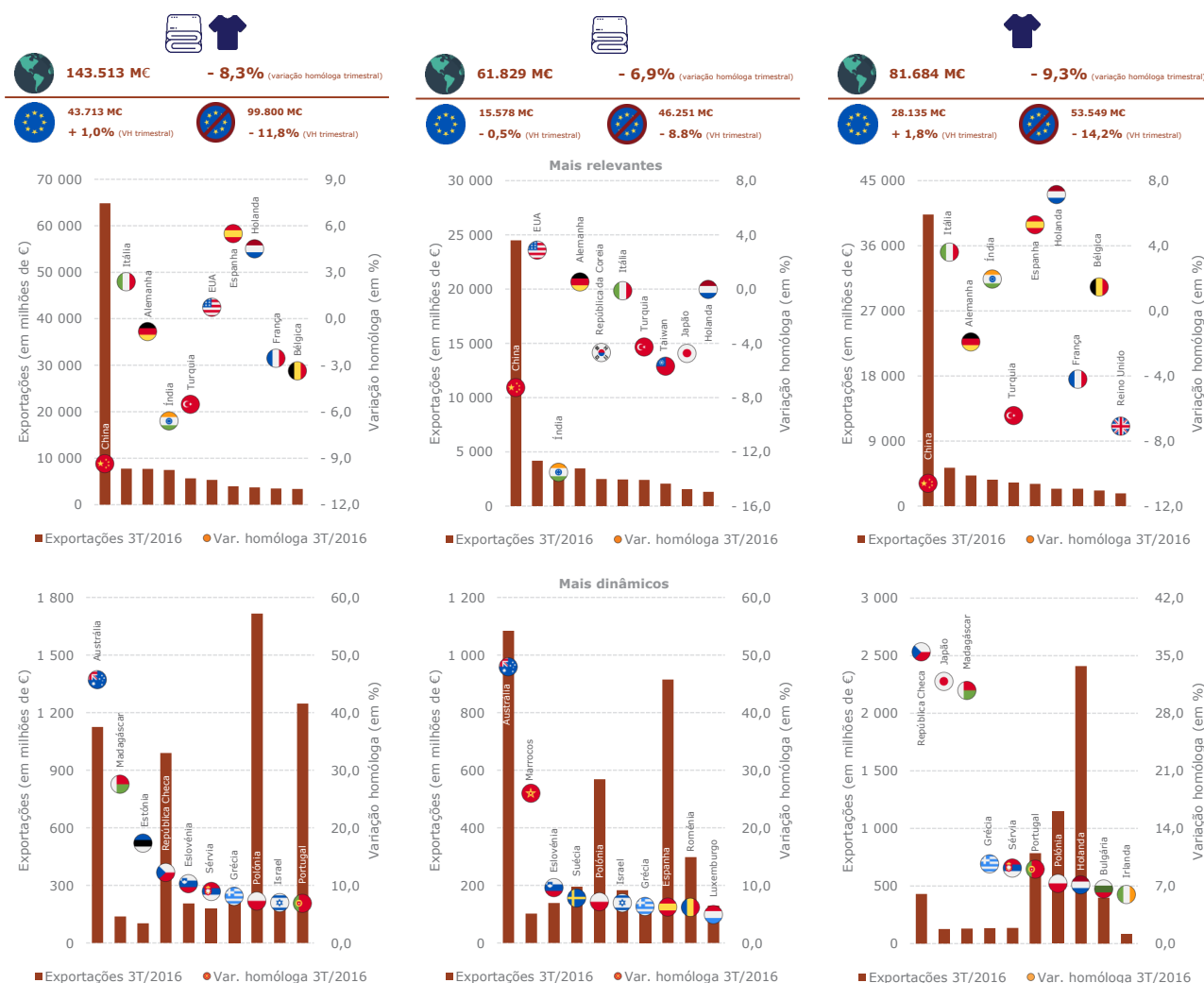
Alargando o espectro para o mundo, a China ocupa o lugar de liderança enquanto principal exportador de têxteis e vestuário (quota de 45%), apesar da forte quebra registada no valor das suas exportações face ao período homólogo (variação de -9,4%).

A Austrália foi o país que mais cresceu face ao trimestre homólogo (+46%). Dos países mais relevantes (com exportações no trimestre superiores a 900 milhões de euros), a República Checa, a Polónia e Portugal foram os países mais dinâmicos depois da Austrália.

Nos produtos têxteis, em termos de relevância são a China, os EUA, a Índia e a Alemanha que mais se destacam nas exportações, respondendo em conjunto por um quota mundial de 58%. Em termos de dinâmica, são a Austrália, Marrocos e a Eslovénia os países que ocupam a liderança, com a Austrália a distanciar-se largamente dos restantes. Importa realçar ainda o desempenho no trimestre em análise da Polónia e da Espanha, dada a sua relevância no mercado internacional.

Por sua vez, do lado das exportações de artigos de vestuário, a China continua a liderar o ranking dos exportadores mais relevantes, com um contributo de quase 50% do total das exportações, embora tenha registado uma contração significativa face ao mesmo período do ano anterior. Em termos dinâmicos, o destaque vai para Portugal, Polónia e Holanda, sendo esta última muito influenciada pelas reexportações.

Exportadores mundiais de têxtil e vestuário com maior relevância e maior dinâmica



Nota: valores em milhões de €, na análise dinâmica consideraram-se os seguintes limites mínimos: têxtil + vestuário - 100M€; têxteis - 100M€; vestuário - 75M€.

Fonte: ITC

A UE tem um peso bastante considerável no total das importações de têxteis e vestuário mundiais, com uma quota de 45%, para a qual a Alemanha é o país que mais contribui (20%), seguindo-se a França (12%), o Reino Unido (12%) e a Itália (9%).

Do ponto de vista mundial, são os EUA que lideram o ranking, com uma quota de quase 22%, seguidos do Japão (15%) e da China (5%). Importa ainda ressaltar que, no cômputo destes últimos

três países, apenas o Japão registou uma variação homóloga positiva, apesar de próxima de zero.

Não obstante a queda verificada nas importações face ao período homólogo de 2015, no 3.º trimestre de 2016, os EUA, a China e a Alemanha continuam a ser os maiores importadores mundiais de têxteis, respondendo por uma quota de cerca de 33% do total de importações deste tipo de produtos.

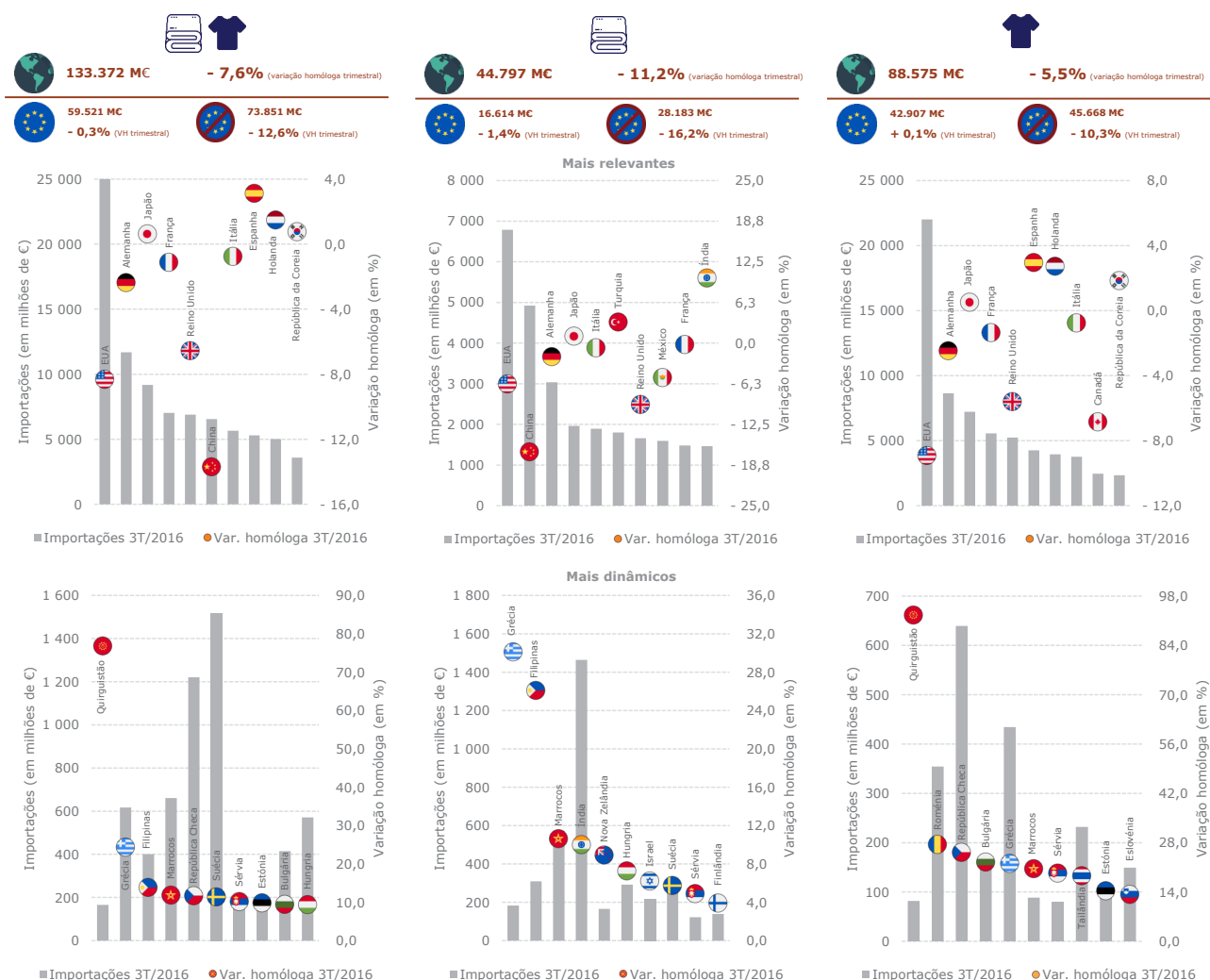
No âmbito dos produtos de vestuário, a China perde relevância, sem sequer surgir no top 10 mundial. Desta feita, os maiores importadores mundiais no 3.º trimestre foram os EUA, a Alemanha e o Japão, que concentraram cerca de 43% do total das importações do trimestre.

No que se refere ao crescimento das importações no 3.º trimestre face ao mesmo período do ano anterior, no cômputo dos produtos de têxtil e vestuário, o Quirguistão foi o país que mais cresceu, assumindo, no entanto, um valor

claramente atípico e de relevância relativamente reduzida.

Concentrando a análise em países de “maior peso”, destacara-se a dinâmica registada pela Grécia, por Marrocos, pela República Checa e pela Suécia, com uma variação homóloga na ordem dos dois dígitos. Enquanto na Grécia e em Marrocos esta dinâmica decorreu das importações conjuntas de têxteis e de vestuário, na Suécia isso resultou das importações de produtos têxteis e na República Checa resultou das importações de vestuário.

Importadores mundiais de têxtil e vestuário com maior relevância e maior dinâmica



Nota: valores em milhões de €, na análise dinâmica consideraram-se os seguintes limites mínimos: têxtil + vestuário - 100M€; têxteis - 100M€; vestuário - 75M€.

Fonte: ITC

4. Têxtil e vestuário em Portugal

4.1. Evolução da atividade económica

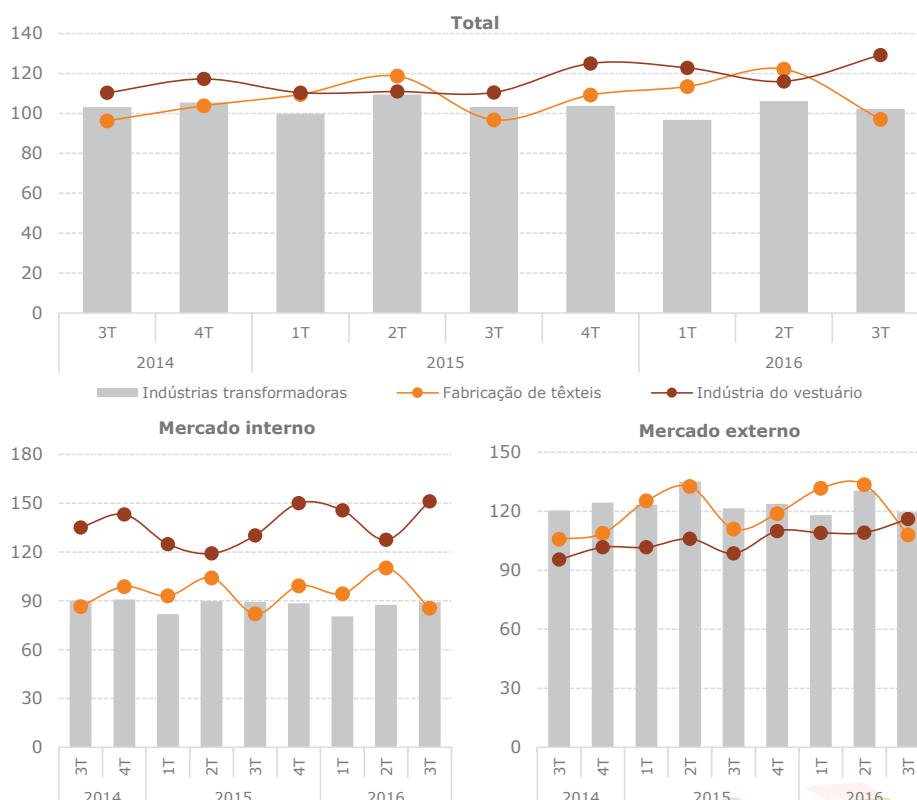
No 3.º trimestre de 2016, o índice de volume de negócios para o conjunto de todas as indústrias transformadoras foi de 102,3 pontos, estando, por um lado, ligeiramente acima do patamar registado em 2010, ano base para o cálculo dos valores índice e, por outro, abaixo do valor registado no período homólogo.

A indústria do vestuário tem apresentado continuamente índices de volume de negócios superiores aos da indústria transformadora. O mesmo não aconteceu no caso da indústria têxtil nacional, que, inclusivamente, registou uma quebra significativa no 3.º trimestre de 2016, caindo para valores inferiores aos da indústria transformadora.

Esta diferença pode justificar-se pelo melhor desempenho que a indústria do vestuário tem no mercado interno face ao ano base (2010). De facto, no último trimestre em análise, a indústria do vestuário faturou 50% acima do valor médio registado em 2010.

Já a fabricação de têxteis reforçou ligeiramente a sua orientação para o exterior, mantendo um nível de faturação nos mercados externos superior ao ano de 2010 entre 8% e 33%. O 3.º trimestre de 2016 foi particularmente penoso para a indústria têxtil, como constatámos, por culpa de um desempenho mais apagado tanto no mercado interno como nos mercados externos.

Evolução do volume de negócios na indústria



Nota: Base = 2010; médias trimestrais.

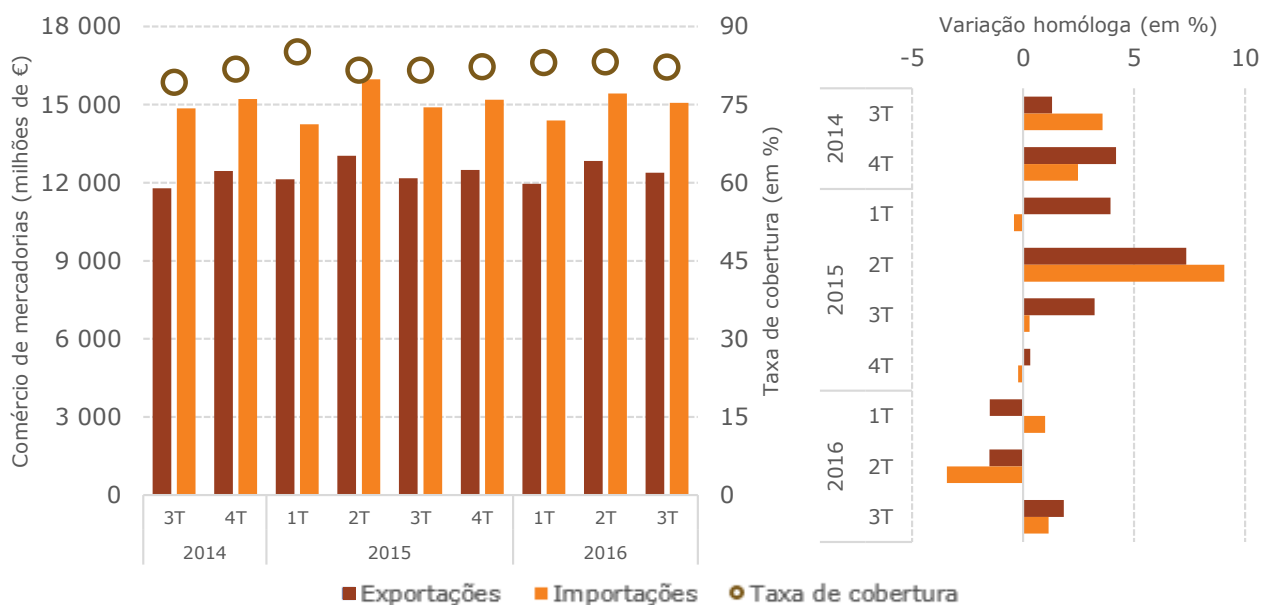
Fonte: INE

4.2. Relevância do comércio internacional

As exportações portuguesas de mercadorias no 3.º trimestre de 2016 foram de 12,4 mil milhões de euros, menos 0,9% do que no 2.º trimestre e mais 1,8% face ao período homólogo. As importações, por sua vez, apresentaram uma variação homóloga positiva, tendo atingido os 15,1 mil milhões de euros, mais 1,1% que no período homólogo.

Não obstante a balança comercial deficitária no 3.º trimestre de 2016 e do seu agravamento em relação ao trimestre anterior, a diferença entre exportações e importações diminuiu em comparação com o período homólogo.

Evolução do comércio internacional português de mercadorias



Nota: Exportações e importações em milhões de €.

Fonte: INE

A indústria do têxtil e do vestuário, vista no seu conjunto, é um dos setores industriais em que Portugal apresenta claras vantagens comparativas reveladas e um bom posicionamento competitivo internacional, o que se deve muito ao contributo do saldo comercial dos produtos de vestuário.

No cômputo geral das exportações portuguesas de mercadorias, no 3.º trimestre de 2016, as exportações de produtos de têxtil e vestuário

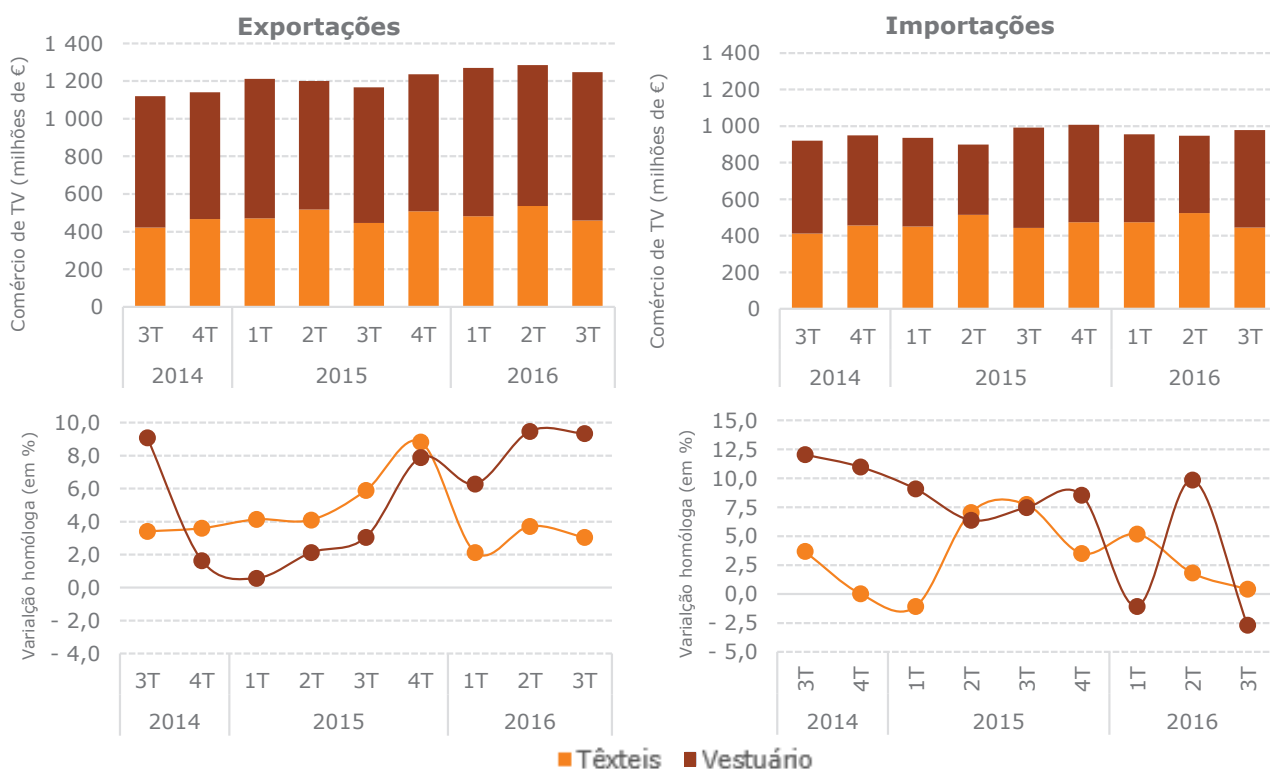
responderam por 10% do total, com destaque para o vestuário, com uma quota de 7,9%.

Face ao período homólogo, o valor das exportações de têxteis e vestuário registou uma subida de cerca de 7% no 3.º trimestre de 2016. Este resultado deve-se, sobretudo, ao aumento das vendas para o mercado intracomunitário (+8,9%).

Pelo contrário, e para o mesmo período de análise, as importações registaram uma variação homóloga negativa de 1,3%, consequência

das quebras registadas tanto nos fluxos intracomunitários (-2,4%) como nos fluxos extracomunitários (-2,7%).

Dinâmica e posicionamento do têxtil e vestuário no comércio internacional português



Fonte: INE

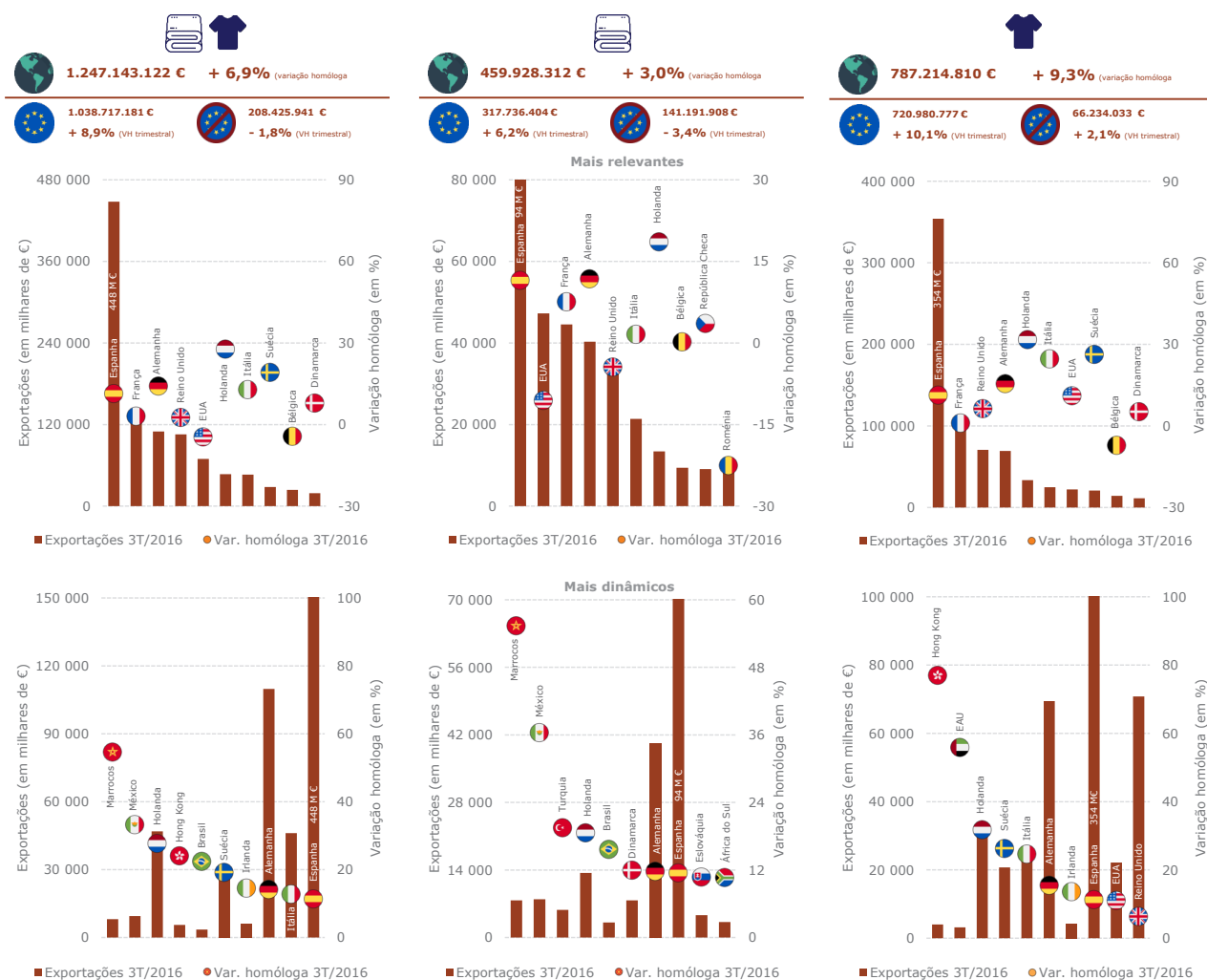
Os principais mercados de exportação de produtos de têxtil e vestuário seguem o padrão geográfico das exportações do total de mercadorias, isto é, uma forte orientação para o comércio intracomunitário (83% do total do 3.º trimestre de 2016).

Espanha, França, Alemanha e Reino Unido ocupam os lugares cimeiros do ranking de destinos de produtos de têxtil e vestuário portugueses, cenário que se intensificou no 3.º trimestre de 2016 face ao período homólogo. Quando analisamos separadamente os dois agregados, constata-se que os três primeiros

países integram o grupo de destino líder tanto das exportações de produtos têxteis (quota de mercado de 39%) como dos artigos de vestuário (quota de cerca de 67%).

Por outro lado, Marrocos, México, Holanda e Hong Kong são os países que mais cresceram como destino das exportações portuguesas de têxteis e vestuário. Enquanto os três primeiros se revestem também de importância nas exportações dos têxteis, Hong Kong lidera o crescimento de exportações de produtos de vestuário, com uma variação homóloga de 80%.

Principais mercados de destino das exportações portuguesas dos produtos de têxtil e vestuário



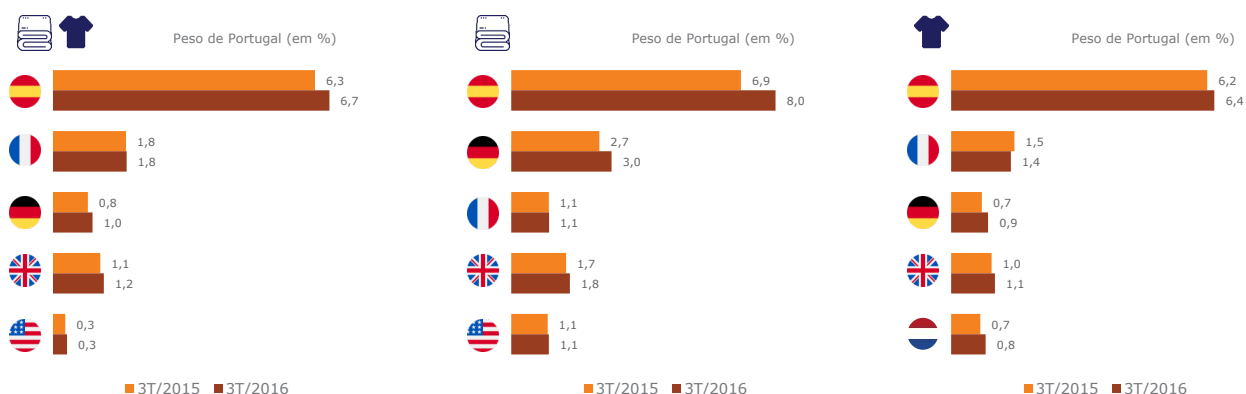
Notas: valores em milhares de €; na análise dinâmica consideraram-se os seguintes limites mínimos: têxtil + vestuário - 3M€; têxteis - 3M€; vestuário - 3M€.

Fonte: INE

Segundo os dados disponíveis para o 3.º trimestre de 2016, a Espanha é o país no qual Portugal apresenta uma quota mais significativa (6,7%). Esse posicionamento é mais forte quando consideradas apenas as exportações de produtos têxteis (8%). Quando comparada com o valor registado no período homólogo,

a quota revela uma trajetória ascendente. Na realidade, este é o único mercado onde Portugal detém uma posição dominante, cingindo-se a posicionamentos pouco relevantes nos restantes mercados analisados, apenas rondando os 3% das importações de produtos têxteis por parte da Alemanha.

Posicionamento e evolução de Portugal nos 5 mercados mais relevantes



Fonte: Eurostat e OTEXA

Tal como se verificou nas exportações, também as importações portuguesas de produtos de têxtil e vestuário têm como principal origem o mercado intracomunitário (78% do total no 3.º trimestre de 2016). Espanha, Itália, França e Alemanha lideram o ranking, apesar das quebras dos dois primeiros países face ao período homólogo. No caso italiano, esta queda revela-se mais intensa quando analisamos apenas o segmento do vestuário (variação negativa de quase 13%).

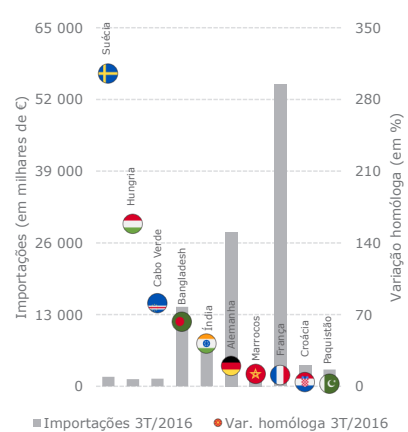
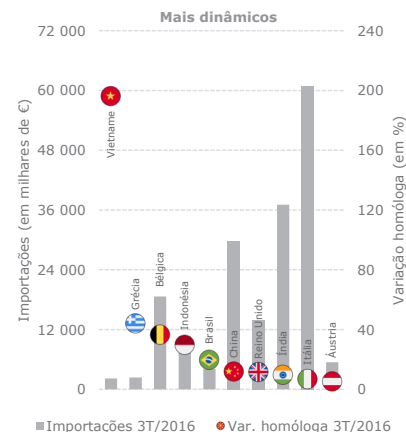
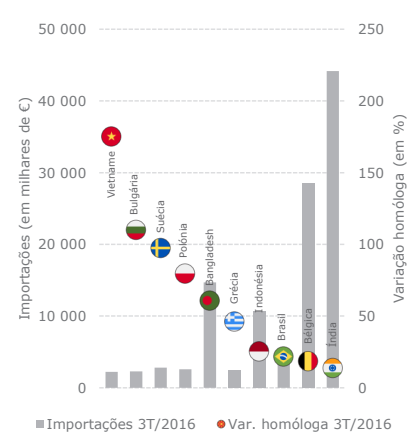
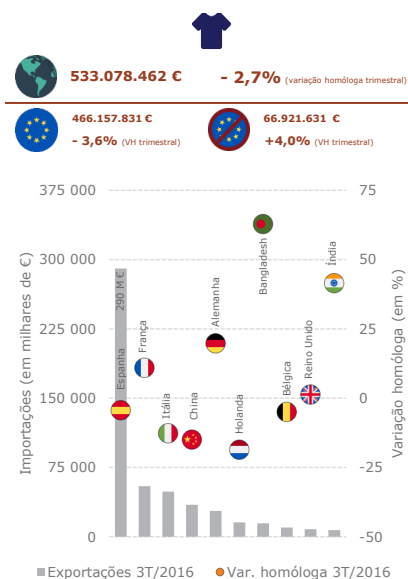
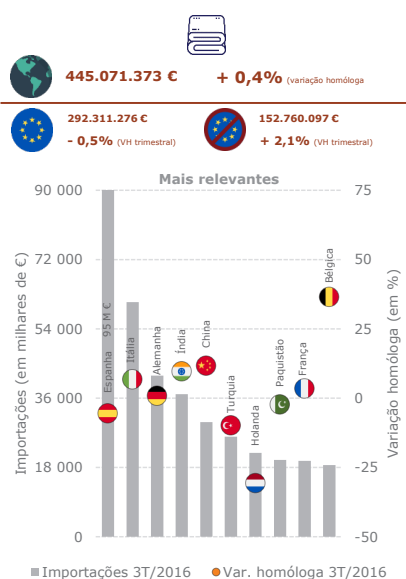
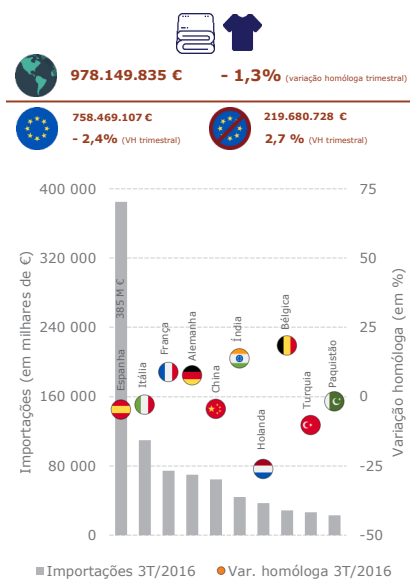
Por outro lado, Vietname, Bulgária e Suécia, são os países que apresentaram o maior crescimento homólogo nas importações portuguesas de têxteis e vestuário. O Vietname destaca-se claramente nas importações de produtos têxteis, com uma variação de cerca de 196%. Em contrapartida, a Suécia merece destaque pelas

importações de artigos de vestuário, com um crescimento homólogo que ultrapassa os 300%.

Importa ainda realçar a quebra significativa do vestuário importado da China, cuja variação homóloga se fixou na ordem dos -15,1%. O padrão geográfico das importações de vestuário de “baixo custo” parece estar a alterar-se, com uma reorientação para países como o Bangladesh, a Índia e o Paquistão, em detrimento dos produtos chineses.

O mesmo não está a acontecer em relação aos produtos têxteis. A China foi a 5.ª origem mais relevante dos têxteis importados, tendo apresentado uma taxa de variação homóloga de 11,7%. No segmento têxtil, destaque ainda para a contração das importações de têxteis provenientes da Turquia.

Principais mercados de importação de produtos de têxtil e vestuário



Notas: valores em milhares de €, na análise dinâmica consideraram-se os seguintes limites mínimos: têxtil + vestuário - 2M€; têxteis - 2M€; vestuário - 1M€.

Fonte: INE

4.3. Estrutura do comércio internacional

Dada a especialização produtiva de Portugal, não é estranho que os grupos de produtos ligados ao vestuário sejam os que assumem os lugares cimeiros nos rankings das exportações de têxteis e vestuário. Apesar da forte dinâmica vivenciada no 3.º trimestre de 2016 pelas exportações de vestuário de malha (+13% face ao período homólogo), são as exportações de “fibras e tecidos de seda” e as “fibras, fios e tecidos de

algodão” que maior crescimento registaram ao longo do trimestre em questão. Ao nível das importações, o vestuário (principal produto) recuou com significado naquele trimestre face ao período homólogo, e em particular na categoria de “vestuário e seus acessórios, excluindo malhas” (variação negativa de 5%), contribuindo assim para a melhoria da balança comercial do têxtil e vestuário.

Estrutura das exportações portuguesas de têxtil e vestuário por grupo de produtos

61. Vestuário e seus acessórios de malha 540.263.961€ VH: ↑ 15% VHa: ↑ 13%	62. Vestuário e seus acessórios, excluindo malhas 246.950.849€ VH: ↓ 1% VHa: = 0%
63. Outros artefactos têxteis confeccionados 160.864.353€ VH: ↓ 1% VHa: ↑ 2%	55. Fibras sintéticas ou artificiais, desc. 58.132.929€ VH: ↑ 5% VHa: ↓ 6%
59. Tecidos impregnados e revestidos 54.887.908€ VH: ↑ 13% VHa: ↑ 14%	56. Pastas, feltros e cordoaria 45.901.812€ VH: ↑ 2% VHa: ↓ 1%
52. Algodão (fibras, fios e tecidos) 37.181.389€ VH: ↑ 15% VHa: ↑ 20%	60. Tecidos de malha 28.489.166€ VH: ↑ 10% VHa: ↑ 8%
58. Tecidos especiais e tufados 24.112.656€ VH: ↑ 15% VHa: ↑ 15%	54. Filamentos sintéticos ou artificiais 18.046.985€ VH: ↓ 12% VHa: ↓ 17%
57. Tapetes e outros revestimentos 17.169.162€ VH: ↓ 10% VHa: ↑ 5%	51. Lã (fibras, fios e tecidos) 14.309.345€ VH: ↓ 11% VHa: ↓ 6%
53. Outras fibras vegetais (fibras, fios e tecidos) 772.200€ VH: ↑ 10% VHa: = 0%	50. Seda (fios e tecidos) 60.407€ VH: ↑ 41% VHa: ↑ 97%

Estrutura das importações portuguesas de têxtil e vestuário por grupo de produtos

61. Vestuário e seus acessórios de malha 272.525.899€ VH: = 0% VHa: ↑ 4%	62. Vestuário e seus acessórios, excluindo malhas 260.552.563€ VH: ↓ 5% VHa: ↓ 1%
52. Algodão (fibras, fios e tecidos) 120.360.414€ VH: ↑ 1% VHa: ↑ 3%	54. Filamentos sintéticos ou artificiais 73.555.961€ VH: ↓ 4% VHa: ↓ 1%
55. Fibras sintéticas ou artificiais, desc. 67.524.614€ VH: ↑ 2% VHa: = 0%	63. Outros artefactos têxteis confeccionados 41.983.177€ VH: ↑ 5% VHa: ↑ 3%
60. Tecidos de malha 32.308.801€ VH: ↑ 14% VHa: ↑ 12%	59. Tecidos impregnados e revestidos 28.384.555€ VH: ↓ 1% VHa: ↑ 4%
51. Lã (fibras, fios e tecidos) 24.240.809€ VH: ↓ 16% VHa: ↓ 2%	56. Pastas, feltros e cordoaria 20.410.408€ VH: ↓ 7% VHa: ↓ 4%
57. Tapetes e outros revestimentos 14.743.846€ VH: ↑ 13% VHa: ↑ 11%	58. Tecidos especiais e tufados 11.424.246€ VH: ↓ 5% VHa: ↑ 4%
53. Outras fibras vegetais (fibras, fios e tecidos) 7.503.432€ VH: ↑ 12% VHa: ↑ 14%	50. Seda (fios e tecidos) 2.631.110€ VH: ↑ 32% VHa: ↑ 32%

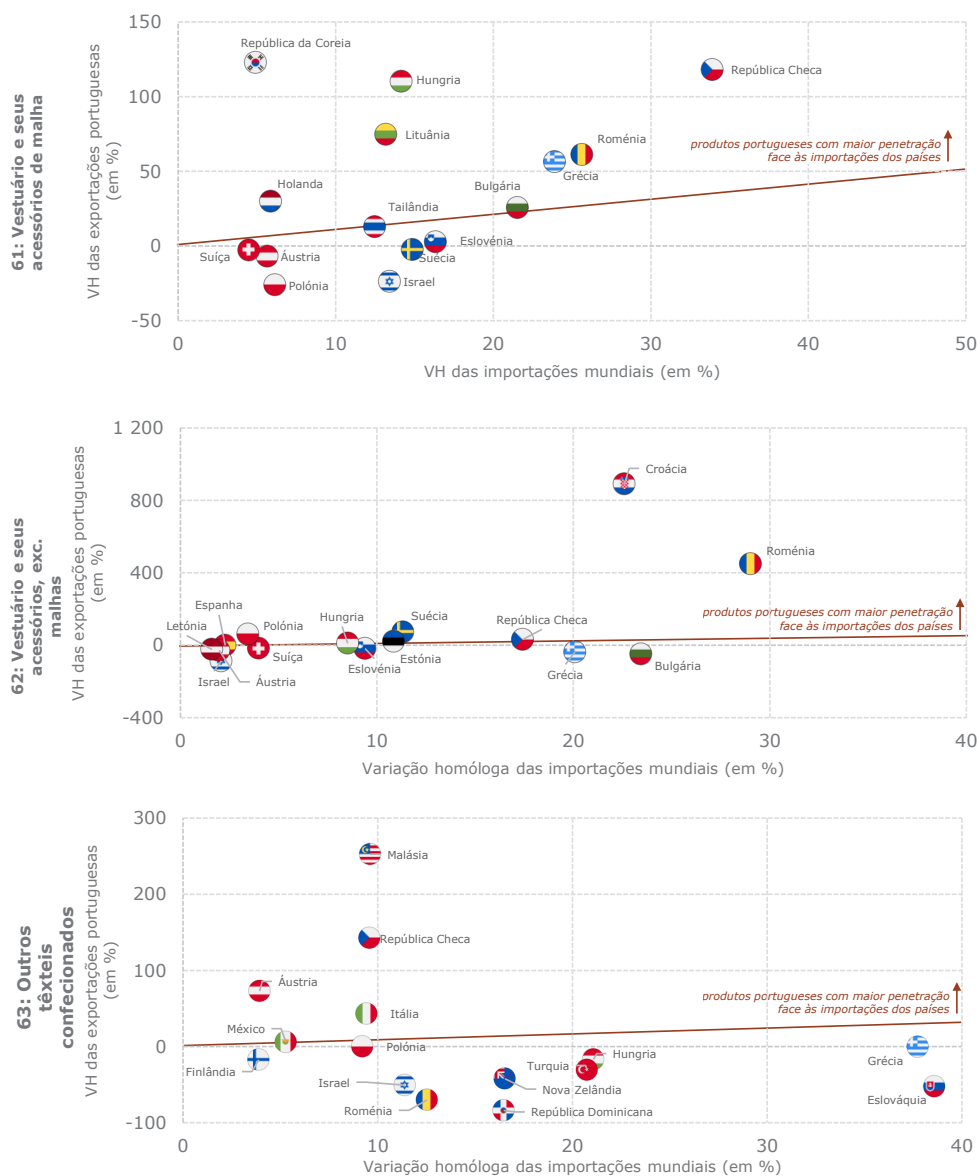
Nota: VH - variação homóloga, VHa - variação homóloga acumulada.
Fonte: INE

No que se refere aos produtos de “vestuário e seus acessórios, de malha”, no 3.º trimestre de 2016 comparativamente ao mesmo período do ano anterior, Portugal conseguiu uma forte penetração em mercados em franca expansão como a República Checa, a Roménia, a Grécia, a Bulgária, a Hungria e a Lituânia, reduzindo a sua importância no mercado sueco. Já nos outros artigos de vestuário (exceto malha), a Roménia, a Croácia, a República Checa, a Suécia e

a Estónia foram mercados que, simultaneamente, registaram fortes crescimentos e que se revelaram de grande interesse para as empresas portuguesas.

Nos “outros têxteis confeccionados” a realidade é diferente, uma vez que a maioria dos mercados mais dinâmicos no trimestre em análise registou quebras acentuadas como destino das exportações portuguesas.

Grau de alinhamento entre a dinâmica das exportações portuguesas de vestuário e a dinâmica das importações mundiais de vestuário



Nota: VH - variação homóloga, VHa - variação homóloga acumulada.

Fonte: INE

A informação contida nesta publicação foi obtida de fontes consideradas fiáveis, mas a sua precisão não pode ser totalmente garantida. O CENIT não se responsabiliza por qualquer perda, direta ou potencial, resultante da utilização desta publicação ou dos seus conteúdos. A reprodução de parte ou da totalidade desta publicação é permitida, sujeita a indicação da fonte.

CENIT – Centro de Inteligência Têxtil

E-mail: estudos@portugaltextil.com

Web: www.portugaltextil.com



www.portugaltexil.com
cenit@portugaltexil.com